

UM POEMA ROMPE O ASFALTO: da página ao mundo, exercícios de criação com a palavra

CARLOS HENRIQUE SANTOS¹; HELENE SACCO²

¹*Universidade Federal de Pelotas – hnrqccss@live.com*

²*Universidade Federal de Pelotas) – sacco.h@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

No presente artigo procuro apresentar e expor o que entendo como fórmulas anômalas de “comunicação” desenvolvidas enquanto processo de pesquisa e interação com o meio através do Projeto de Ensino ao qual possuo vínculo como bolsista, *ESPAÇO DOBRA: Exercícios de criação entre a palavra, a página e a não página*. O Espaço Dobra é um projeto que conta com um espaço de acervo e ateliê de produção de publicações artísticas (cartazes, livros de artista, lambes...), localizado na sala 307 do Centro de Artes/UFPel e Coordenado pela Profª. Dra. Helene Gomes Sacco.

Partindo do que propõe o projeto, no que refere-se ao exercício da palavra e suas relações e possibilidades para além do espaço da página, pretendo aqui, observar a trajetória ambulante do meu trabalho e seu foco de pesquisa, no uso da palavra escrita, desde sua fase umbilical, até seu encontro com os muros, calçadas, com o asfalto em meio a vias públicas. Com atenção voltada ao espaço público, me ocupo dessas situações urbanas como possibilidade de fala e “comunicação” direta com a população.

Assim, o presente artigo objetiva levantar essas ações na procura de gerar uma interlocução reflexiva com referenciais teóricos e artísticos que discutam a presença da palavra para além da página.

2. METODOLOGIA

A metodologia em poéticas visuais tem como premissa a observação do processo de criação e, nesse movimento vejo que meu processo artístico é permeado de uma escuta atenta das ruas, seus sons ritmos, e de uma percepção mais sensível do que forma esse espaço. Nele foi preciso compreender o que o constitui: pessoas, veículos, fluxos e movimento regidos por placas, anúncios, regras de organização da cidade, bem como as situações ordinárias que mudam o ritmo dos contextos gerando a possibilidade de um lugar ser visto por outro ponto de vista. Essa experiência de percepção do espaço urbano passou a ocupar com frequência os manuscritos que surgem nos meus cadernos, como pequenos esboços, anotações, projetos/que poderão manifestar-se enquanto performance, escrita ou intervenção urbana. O desenho permeia toda a minha produção, talvez, por ter sido uma das linguagens com a qual mais me envolvi, até aqui, e ainda é muito presente nos trabalhos atuais.

Nesses quatro anos de curso, acumulei uma série de cadernos, todos produzidos manualmente utilizando diversos tipos de papel, gramatura, costura, etc. Estes cadernos contêm, entre anotações de aula: desenhos, listas de filmes, anotações de livros, pensamentos, poemas centauro elaborados num misto de desenho e palavra, e coisas banais como um endereço, telefone. Há também colagens, fotografias, recortes, letras de música e poesia, autoral ou não. Tudo o que trouxe para dentro desses cadernos compõem um caminho que me interessa

percorrê-lo. As páginas também podem orientar ações performáticas particulares ou coletivas...

Meu método de desenho é muito simples: para desenhos de técnica seca (canetas e lápis), papel sulfite branco 70/mg, para técnicas molhadas (nanquim, guache e aquarela), uso papel de gramatura superior a 180/mg; os cadernos variam de tamanhos entre A5 e A4. Quando finalizadas, as composições são digitalizadas em alta qualidade (2400dpi); e, dependendo do que aquela página carrega, podem serem impressos como múltiplos, plotados em tamanho A0 ou utilizando a técnica gráfica *Tiled printing* (impressão em mosaico) para baratear a impressão de pôsteres de grandes formatos, que você pode fazer de qualquer lugar com qualquer imagem através do site [The Rasterbator](#).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com Paulo Silveira, em seu livro Página Violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista, 2001, os cadernos e diários se comportam como suporte de registros pessoais, capazes de abranger desde pequenas anotações até projetos públicos. Leo Rubinfien para a revista Artforum de março de 1977:

Em teoria, um caderno de esboço não é mais do que seu nome sugere - um terreno para tentativas preliminares na execução de ideias que podem com o tempo ser descartadas ou podem evoluir constantemente em obras mestras. Como tal, é provavelmente mais privado que público, um registro de fracassos e sucessos rudimentares que são de pouco interesse para qualquer um além do artista responsável por eles, exceto quando nós podemos associá-lo a realizações maiores. Naturalmente, o valor de fazer tais ligações têm sido largamente percebido. É usual, se ou não um certo desenho do caderno de esboços realmente precede uma obra famosa, encontrar nos cadernos um amplo e matizado senso do caráter de um artista e o padrão de seu intelecto, e incluí-los em nossa compreensão de seu corpo de trabalhos como um todo. Contudo, esboços e anotações ocupam um grupo intermediário entre pensamentos inexpressos, não registrados, e arte pública acabada. Eles não são devedores aos imperativos a que a arte maior é - não é necessário aperfeiçoar um livro de anotações mais do que a prosa em um diário. Declaramos que tais criações não são realmente planejadas para o público e, assim, portanto, nos liberamos para ser extravagantes, hiperbólicos, *recherché*, melancólicos, imitativos e até mesmo inarticulados, quando nunca nos permitiríamos essa licença perante o público. (RUBINFIEN, apud SILVEIRA, 2001, p.109)

Tudo o que trago ao mundo, antes fora concebido no caderno. Este funciona como ferramenta de criação e edição: nele sou capaz de editar a fonte, o posicionamento e o ritmo das estruturas que formam o desenho: palavras, caixas de texto, textura e hachuras. No caso de poesias e canções apropriadas, posso redimensionar o texto e especializando-o na página-projeto-de-muro.

São desses cadernos de onde saem proposições e intervenções como a obra Coragem, 2019 em que escrevo com areia coletada no Quadrado, a palavra “coragem”, realizada para a exposição **O início do gesto** com curadoria de Gabriela Costa e Stela Kubiaki na A Sala galeria, espaço expositivo do Centro de Artes.

O “acontecimento poético urbano” – **UM POEMA ROMPE O ASFALTO** –, realizado neste mesmo ano, escrevo a frase com cascalho recolhido dos terreiros

de obra em meio a rua Marechal Deodoro no Centro de Pelotas durante um final da tarde. Composto em diálogo com o poema de Carlos Drummond de Andrade, A flor e a náusea de 1978, que descreve o infraordinário como uma forma de provocar a descontinuidade no ritmo urbano. Versa Drummond, sobre a flor que brota do asfalto: “*É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio*”.

Além de algumas intervenções urbanas de lambe-lambe com desenhos, fotografia, poesia e letra de música entre as cidades de Pelotas, Porto Alegre e São Borja.

Esses trabalhos que comentei acima, requisitam uma apropriação outra do que se entende por linguagem escrita, do que se entende por ler, escrever, do que se entende por poesia, do que se entende por espaço da arte, espaço da palavra, espaço do artista no mundo, ... Esses exercícios propostos pelo projeto de ensino vem nos convocar a pensar o sentido de um trabalho que acontece por via da palavra, o que busca um trabalho por via da escrita. Por que é tão importante escrever? Christian Prigent (2017), dirá em Para que poetas ainda?

Em primeiro lugar, a experiência de que a vida não escrita (não simbolizada pessoalmente), a vida submetida ao falar em falso, é uma vida miserável, e de que é necessário responder, por um certo gesto sobre a língua, à vergonha de ficar sem palavras e assujeitado. Em segundo, a constatação de que a língua de todos é como a língua de ninguém e de que é preciso, portanto, como eu dizia, “encontrar uma língua” para verbalizar a experiência que fazemos intimamente do mundo (PRIGENT, p.15).

Segundo o autor, seria papel da poesia, dar corpo a voz, como forma de resistir aos discursos pré-formatados que nos cercam cada vez mais acintosamente por todos os lados. A arte da palavra, ao sempre inventar uma língua, uma forma de fala, ou de encontro pela escuta, seria então, um caminho para manter vivo o esforço de arrancar-se da repetição do mesmo, fazer ouvir outras vozes, outras línguas e outras palavras, propondo ao mundo outras legibilidades.

4. CONCLUSÕES

Através da estrutura narrativa proposta na construção desse texto, pudemos observar o caminho percorrido pelas páginas dos meus cadernos desde a concepção da imagem até sua execução prática; assim como algumas técnicas de representação gráfica presentes no escopo de minha produção (desenho, escrita e fotografia) e também métodos acessíveis de impressão, distribuição e expansão desse material. Na fase atual do projeto pretendemos estender essa prática ao grupo de alunos e com o grupo organizar uma intervenção urbana chamada EXTRAPÁGINA, com 30 trabalhos em A0 expostos num varal que ocupará o quarteirão inteiro do Centro de Artes. Por fim, consigo observar que as reflexões que fiz de minha produção agora são partilhadas no interior do projeto e ampliadas em breve a comunidade o que contribui muito na minha formação de professor-artista.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SRUR, E. **Manual de intervenção urbana/Eduardo Srur.** -- São Paulo: Bei Comunicação, 2012. Acessado em 11 de setembro de 2019, disponível em: <<http://www.eduardosrur.com.br/oartista/livro-manual-de-intervencao-urbana>>;

Poema de Mario Lago, **O Povo Escreve a História nas Paredes**, de 1948. Acessado em 11 de setembro de 2019, disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/noticia/319316-1>>;

Poema de Carlos Drummond de Andrade, **A Flor e a Náusea**, 1978. Acessado em 11 de setembro de 2019, disponível em: <<http://www.poesiaspoemaseversos.com.br/a-flor-e-a-nausea-drummond-sem-erros>>;

PRIGENT, Christian. **Para que poetas ainda?** Tradução Inês Oseki-Dépré e Marcelo Jacques de Moraes - Desterro: Florianópolis, Cultura e Barbárie, 2017.

SILVEIRA, P. **Página Violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista**, 2001. – Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS.

The Rasterbator – **Wall art generator**. Acessado em 15 de setembro de 2019, disponível em: <<https://rasterbator.net/>>.